

LETRAMENTO, ALFABETIZAÇÃO E O FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE SOCIOCULTURAL DE SEGMENTOS HISTORICAMENTE EXCLUÍDOS

Ilka Schapper Santos*

Hilda Micarello**

RESUMO

O texto apresenta reflexões acerca das repercussões da inserção em práticas socioculturais de leitura e escrita para o fortalecimento das identidades individuais e coletivas de jovens e adultos alfabetizando, com base na experiência desenvolvida no âmbito do Projeto Todas as Letras de alfabetização e letramento de jovens e adultos, desenvolvido pela Agência de Desenvolvimento Solidário da Central Única dos Trabalhadores em parceria com a Petrobrás, com o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, com a chancela da Unesco e o apoio da Scania do Brasil, como parte do Projeto Brasil Alfabetizado, do Ministério da Educação. Inicialmente fazemos algumas considerações acerca das dimensões individual e coletiva do letramento. Sob a perspectiva de análise dos gêneros textuais como um *continuum* tipológico (MARCUSHI, 2001), que se realiza nas modalidades oral e escrita, refletimos sobre as repercussões da apropriação dos diferentes gêneros textuais para a inserção dos alfabetizando em práticas, orais e escritas, mediadas pela presença do texto escrito. Por fim, apresentamos alguns excertos do *corpus* empírico da pesquisa, coletados com base em produções de textos e atividades de escrita realizadas pelos alfabetizando, além de entrevistas e questionários respondidos pelos participantes do Projeto, analisando-os à luz dos aportes teóricos anteriormente apresentados.

Palavras-chave: Letramento – Oralidade – Educação de jovens e adultos

ABSTRACT

LITERACY, READING READINESS AND THE STRENGTHENING OF THE SOCIAL-CULTURAL IDENTITY OF HISTORIC EXCLUDED SEGMENTS

This paper presents reflections upon repercussions of the insertion in social-cultural reading and writing practices for the strengthening of individual and collective identities of young and adults in literacy process, on the base of the experience developed in the framework of the Project All the Letters of literacy for young and adults, developed by the Agency of Solidarity Development of the Central of Workers

* Doutoranda em Linguística Aplicada LAEL - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Endereço para correspondência: Rua Barão de Cataguases, 420, apt. 501. Santa Helena, Juiz de Fora (MG) – CEP: 36015-370. Email: ilkaschapper@gmail.com

** Doutora em Educação – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Endereço para correspondência: Rua Olegário Maciel, 1930, Bloco C, apt. 303 – Paineiras – Juiz de Fora (MG) – CEP: 36016-011. Email: micarello@powerline.com.br

in a partnership with Petrobrás, the National Fund for Educational Development, under the seal of Unesco and with the support of Scania do Brasil, as a part of Project Literacy Brazil, of the Ministry of Education. At first, we made some considerations about individual and collective dimensions of literacy. Under the analytic perspective of textual genre as a topological *continuum* (MARCUSHI, 2001), that occurs in oral and written modalities, we reflected on the repercussions of the appropriation of different text genres for the insertion of individuals in the process of literacy in oral and written practices, mediated by the presence of the written text. At last, we present some excerpts from the empiric *corpus* of the research, collected from the production of texts and written activities made by individuals involved in the process of literacy, besides interviews and questionnaires answered by the participants of the Project, analyzing it under the light of the theoretical insights previously shown.

Keywords: Literacy – Orality – Education of young people and adults

Introdução

Este artigo¹ apresenta reflexões acerca das repercussões que a inserção em práticas socioculturais de leitura e escrita trazem para o fortalecimento das identidades individuais e coletivas de jovens e adultos alfabetizando, com base na experiência desenvolvida no âmbito do Projeto Todas as Letras².

Inicialmente faremos algumas considerações acerca das dimensões individual e coletiva do letramento. Sob a perspectiva de análise dos gêneros textuais como um *continuum* tipológico (MARCUSHI, 2001), que se realiza nas modalidades oral e escrita, desenvolveremos algumas considerações sobre as repercussões da apropriação dos diferentes gêneros textuais para a inserção dos sujeitos alfabetizando em novas práticas, orais e escritas, mediadas pela presença do texto escrito.

Finalmente, apresentaremos alguns trechos do *corpus* empírico da pesquisa que avaliou o PTL, analisando-os à luz dos aportes teóricos anteriormente apresentados.

Dimensão individual e coletiva do letramento

No cenário da alfabetização de jovens e adultos, o binômio individual/coletivo deve estar presente no trabalho com as práticas socioculturais de leitura e escrita. Isso deve ocorrer porque alfabetizando jovens e adultos já estão inseridos num universo em

que as situações diárias que envolvem a leitura e a escrita, nos mais variados contextos, estão postas a todo o momento, sendo incorporadas à experiência de vida desses sujeitos e, ao mesmo tempo, repercutindo na vida das comunidades nas quais os indivíduos estão inseridos.

Essa constatação nos leva à reflexão sobre o que seriam a dimensão individual e a dimensão coletiva, na vida, no trabalho e na educação de jovens e adultos, na perspectiva de “alfabetizar letrando”, que fundamenta a proposta metodológica do Projeto Todas as Letras.

Alfabetizar letrando implica pensar que o sujeito da aprendizagem vai apropriar-se do código da língua materna ao mesmo tempo em que se insere em práticas significativas de leitura e escrita, práticas que permeiam seu universo sócio-histórico-cultural. A dimensão individual do letramento nos leva a indagar sobre as habilidades linguísticas e psicológicas do ato de ler e escrever. Segundo Soares (2003, p.69), essas habilidades abarcam desde o processo de decodificar palavras escritas e registrar unidades de som com base na linguagem escrita, até as habilidades de compreender textos escritos

¹ Texto produzido com base no relatório final da pesquisa “Avaliação do Projeto Todas as Letras: seu desenvolvimento e impactos”, desenvolvida pelo IIEP (Intercâmbio, Informações, Estudos e Pesquisas).

² O Projeto Todas as Letras (PTL) é um projeto de alfabetização e letramento de jovens e adultos, desenvolvido pela Agência de Desenvolvimento Solidário (ADS) da Central Única dos Trabalhadores (CUT) em parceria com a Petrobrás, com o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), com a chancela da Unesco e o apoio da Scania do Brasil, como parte do Projeto Brasil Alfabetizado do Ministério da Educação.

e expressar ideias por meio deles, organizando o pensamento.

Refletir sobre a dimensão individual do letramento remete, ainda, a um questionamento com relação às habilidades de leitura e escrita que seriam determinantes para caracterizar uma pessoa letrada, porém inserida num número reduzido de práticas de letramento, diferenciando-a de outra pessoa que tem inserção numa gama mais ampla dessas práticas e nas repercussões desses diferentes níveis de inserção para a vida dos sujeitos. Essa diferenciação, que passa por uma perspectiva de análise individual do letramento, é insuficiente para investigarmos as práticas sociais de leitura e escrita nas quais os sujeitos da aprendizagem estão envolvidos. Ela só tem sentido se associada a uma análise do letramento numa perspectiva contextual, considerando-se as demandas que os contextos de vida dos sujeitos colocam no que se refere a sua inserção no processo de apropriação da linguagem escrita que caracteriza a dimensão do letramento.

A dimensão coletiva do letramento diz respeito, portanto, às práticas culturais de leitura e escrita em que os sujeitos têm uma participação ativa e competente, e que são demandadas pelos contextos sócio-histórico-culturais nos quais esses sujeitos estão inseridos. Uma pessoa pode ser analfabeta, mas transitar em práticas letradas e, por conseguinte, ter certo grau de letramento. Uma situação que ilustra o que estamos dizendo é a cena do filme *Central do Brasil*, em que a personagem de Fernanda Montenegro serve de escriba para analfabetos, passantes pela Central do Brasil, no Rio de Janeiro, produzirem seus textos, do gênero carta, para enviarem aos seus parentes distantes. Na cena, os personagens que se correspondem com parentes e amigos distantes não sabem ler nem escrever, mas são capazes de produzir um texto, que é ditado à escriba, com marcas do gênero epistolar, como é possível observar na transcrição de trechos do filme que apresentamos a seguir:

Jesus de Paiva,

O Josué, teu filho, quer te conhecer. E tá querendo ir aí para Bom Jesus, passar uns tempos com você. Mês que vem eu vou tá de férias e posso ir com ele para aí. Aí eu aproveito para ver o Moisés e o Isaías. (Ana Fontanela – remetente da carta).

Ana, sua desgraçada, com muito custo eu dei um jeito de encontrar um escrevedor pra te dizer que só agora eu atinei que tu já deve ter voltado e conseqüido achar essa nossa casinha nova, enquanto eu tô aqui no Rio de Janeiro procurando você. Quero chegar antes desta carta, mas se ela chegar antes de mim escuta o que eu tenho para te dizer: espera, que eu tô voltando para casa, eu deixei o Moisés e o Isaías tomando conta das coisas. Ana, tô pensando se eu fico mesmo no garimpo, antes de voltar aí para casa, mas me espera que eu volto. Aí vai ficar todo mundo junto: eu, você, Isaías, Moisés e Josué, que eu quero tanto conhecer. Tu é uma cabrita geniosa, mas eu dava tudo que tenho para dar só mais uma olhadinha em você. Me perdoa. É você e eu nessa vida. (Jesus de Paiva). (ALBUQUERQUE & LEAL, 2006, p.59).

Não obstante as duas personagens serem analfabetas, elas têm certo nível de letramento pois, apoiadas pela mediação de um escriba, conseguem produzir um texto com características da linguagem escrita e com os aspectos linguístico-textuais próprios ao gênero em questão. Esse fato indica que pessoas analfabetas inseridas numa sociedade letrada possuem algum conhecimento acerca dos modos de funcionamento do texto escrito, sendo esse conhecimento um ponto de partida importante para os processos de ensino-aprendizagem da tecnologia da escrita.

A proposta metodológica do Projeto Todas as Letras destaca a importância de alfabetizar letrando. Nessa proposta, a alfabetização deve ocorrer referenciada nas práticas socioculturais de leitura e escrita em que os educandos estão imersos. A concepção que embasa a proposta do Projeto é a de que o processo de ensino-aprendizagem da língua materna tem duas perspectivas indissociáveis: a alfabetização – codificação e decodificação individual do sistema convencional da escrita – e o letramento – “o uso dos códigos linguísticos em atividades de leitura e escrita, tendo, assim, uma dimensão mais coletiva referente ao uso social do sistema convencional da escrita”. (PINCANO; BARBARA, 2007, p. 12). As duas perspectivas estão imbricadas, já que no processo de alfabetizar são utilizados textos que circulam no universo sócio-histórico-cultural dos jovens e adultos que frequentam o Projeto, nas situações sociais nas quais esses textos são relevan-

tes. Esses textos, por sua vez, materializam-se em diferentes gêneros, peculiares a cada uma dessas situações sociais. Os gêneros textuais realizam-se na modalidade escrita e também na modalidade oral, sem que se possa estabelecer uma hierarquia entre ambas as modalidades.

Gêneros textuais: *continuum* tipológico oral/escrito

Estudos no campo da sociolinguística têm contribuído para ampliação da noção de letramento ao discutirem esse conceito relacionando práticas de escrita e de oralidade, com o objetivo de melhor abordar as implicações do letramento para os indivíduos e também para a sociedade. Autores como Marcuschi (2001), Rojo (2001), Tfouni (2001), dentre outros, têm contribuído para desmistificar a ideia da supremacia da escrita sobre a fala, evidenciando que existe um forte imbricamento entre essas modalidades nas práticas sociais nas quais elas fazem sentido.

Para Marcuschi a noção de gênero textual diz respeito aos usos sociais da língua, seja ela oral ou escrita. São esses usos que determinam realizações específicas, que se configuram em diferentes gêneros textuais, impedindo que se estabeleça uma dicotomia entre língua oral e escrita, uma vez que essas são diferentes formas de realização desses gêneros. Ainda para esse autor, não é possível estabelecer uma relação mecânica entre apropriação da escrita e mudanças sociais. Tais mudanças são condicionadas pelos contextos sociais e pela demanda que se faz aos indivíduos em termos do uso da escrita. Nesse sentido, o letramento é contextual, podendo revelar-se de formas bastante diversas em contextos socioculturais específicos. Nesses contextos, fala e escrita, enquanto diferentes realizações de uma mesma língua, são utilizadas pelos indivíduos de maneiras distintas.

Consideramos as relações entre oralidade e escrita como uma das dimensões a serem necessariamente abordadas na análise dos impactos que uma alfabetização na perspectiva do letramento traz para a vida dos sujeitos e das comunidades atendidas pelo PTL. Isso porque esses sujeitos adultos não alfabetizados estão inseridos em contextos sociais

nos quais utilizam a língua materna com objetivos comunicacionais específicos, relacionados às suas práticas sociais, sejam aquelas relativas ao mundo do trabalho ou aquelas advindas de sua inserção em grupos como associações, movimentos religiosos, sociais, dentre outros. “Investigar o letramento é observar práticas linguísticas em situações em que tanto a escrita como a fala são centrais para as atividades comunicativas em curso.” (MARCUSCHI, 2001, p.25). Nessas situações de interação, os sujeitos apropriam-se e fazem uso de diferentes gêneros textuais orais, nos quais os gêneros escritos se fazem mais ou menos presentes. Desse modo, além da análise das mudanças que o exercício de competências leitoras e de escrita traz para a vida dos sujeitos e das comunidades, há que se analisar as repercussões que o acesso aos gêneros escritos traz à vida desses sujeitos no que se refere a possibilidades de interações qualitativamente diferenciadas, que se criam à medida que a apropriação da estrutura e dos modos de funcionamento dos gêneros do discurso escrito repercutem em novas possibilidades de organização do discurso oral por esses sujeitos. Esse será o aspecto abordado no tópico a seguir, sobre o qual são possíveis algumas considerações preliminares com base na análise de entrevistas realizadas com alfabetizandos, alfabetizadores e coordenadores do Projeto nos estudos de caso de Axixá, Pernambuco, e Mostardas, no Rio Grande do Sul, regiões atendidas pelo PTL e focalizadas pela pesquisa e também em entrevistas realizadas em outras regiões participantes do Projeto todas as Letras.

Ler, escrever e “discursar lá no salão”

A análise das entrevistas realizadas no âmbito da pesquisa sobre os impactos do PTL na vida dos alfabetizandos e das comunidades nas quais o Projeto desenvolveu-se indica que a inserção dos sujeitos em situações de interação social mediadas pela linguagem escrita, como as atividades do PTL, repercute numa maior segurança e autonomia de participação dos alfabetizandos em eventos de letramento que se manifestam no plano do discurso oral. Nas entrevistas realizadas com os coordenadores regionais, locais, alfabetizadores e

alfabetizando, os entrevistados manifestam sua percepção sobre as mudanças que essa inserção traz para a vida dos sujeitos, como podemos perceber pelo relato transcrito a seguir:

Tem um aluno lá, o Seu Domingos, no povoado Lago Verde, no Município de Sítio Novo, ele não sabia ler e sempre ele queria se envolver com política. Ai ele entrou nesse projeto pra aprender a ler, escrever e se candidatar como vereador. E sempre antes de ele aprender a ler ele convidava o pessoal do povoado dele, ai eles falavam pra ele que ele não servia pra ser um vereador, que ele não sabia ler, como é que ele ia discursar no salão, como é que ele ia fazer... E hoje que ele já aprendeu a ler, ele vai se candidatar a vereador. Faz reunião com a comunidade, já sabe se expressar, deu depoimento dele no internúcleo, lá em Palmas. (Entrevista com o coordenador regional, Axixá, Escola Centro Oeste).

Significou muito [o PTL] porque eu aprendi a fazer lista de compra, aprendi a escrever poesia, expressar meus sentimentos e aprendi também a conviver melhor com os amigos. (Entrevista com alfabetizando, São Paulo, Itaquaquecetuba).

Depreende-se dos depoimentos transcritos anteriormente a repercussão que o envolvimento em práticas de leitura e escrita traz para a vida dos sujeitos. Além das possibilidades de codificação e decodificação, a apropriação de gêneros do discurso escrito permite a criação de novas formas de expressão, novas possibilidades de realização de uma língua que o alfabetizando já domina ao iniciar seu processo de alfabetização, mas que muitas vezes tem dificuldades de utilizar em interações mais formais. À medida que consegue fazer um uso mais proficiente de sua oralidade, isso lhe dá maior segurança e um sentimento mais pleno de pertencimento a seu grupo, o que se traduz em possibilidades de um exercício mais efetivo de sua cidadania. No caso do Sr. Domingos, a participação mais efetiva na vida de sua comunidade foi conquistada à proporção que a inserção no PTL lhe deu mais segurança para expressar-se oralmente, conquistando respeitabilidade em sua comunidade. Do depoimento de São Paulo, depreende-se que a autonomia para expressar ideias e sentimentos teve como consequência uma maior abertura para estreitar laços de amizade, firmar vínculos. Um traço comum aos depoimentos de São Paulo e Axixá

é o fato de que aprender a ler e a escrever traz consigo uma maior segurança para que os sujeitos envolvam-se em interações em sua comunidade das quais antes não participavam, ou participavam de forma tímida, restrita. O trecho da entrevista concedida por um alfabetizando da cidade de Belém, Amazonas, apresentado a seguir, pode ilustrar de forma mais clara esse processo de apropriação dos gêneros escritos no plano da oralidade. Na entrevista, o alfabetizando discorre sobre seu trabalho – artesanato – esclarecendo à pesquisadora quanto à natureza dessa atividade.

Pesquisadora:

— *Você trabalhava com artesanato?*

Alfabetizando:

— *Eu trabalho ainda, até hoje com artesanato. Eu faço matapi, eu faço malhadeira.*

Pesquisadora:

— *Explica pra gente o que é matapi, malhadeira?*

Alfabetizando:

— *Matapi é um objeto feito de tala de jupati.*

Pesquisadora:

— *Jupati é uma planta?*

Alfabetizando:

— *É, é uma planta, é uma palmeira. Ele é feito de tala de jupati. Ai você pega, corta o jupati, tira as talas, tece, quebra no tamanho exato, por exemplo, 86 cm, no caso, o tamanho próprio que você quiser fazer.*

Pesquisadora:

— *Qual a utilidade do matapi?*

Alfabetizando:

— *A utilidade do matapi, principalmente no nosso meio, ele é muito vendável e tem uma renda mensal boa.*

O discurso do alfabetizando, embora materialize-se no plano da oralidade, apresenta características do texto escrito, no gênero instrucional. O entrevistado faz uma seleção lexical considerando a situação de comunicação com um interlocutor a quem ele provavelmente atribui o domínio da norma culta, utilizando palavras como “objeto”,

“exato” e “vendável”. Isso indica que o alfabetizando busca adequar seu discurso à situação comunicativa da qual está participando. Além disso, usa elementos de coesão próprios do discurso escrito e segue, em suas orientações, a estrutura dos textos do gênero instrucional: primeiro relaciona os materiais – *“Matapi é um objeto feito de tala de jupati.”* – para depois instruir quanto à forma de utilizá-los – *“Aí você pega, corta o jupati, tira as talas, tece, quebra no tamanho exato, por exemplo, 86 cm, no caso, o tamanho próprio que você quiser fazer.”* Considerando um interlocutor que não domina os conhecimentos necessários à plena compreensão de suas orientações, o alfabetizando fornece, ainda, exemplos do que está explicando: *“por exemplo, 86cm, no caso, o tamanho próprio que você quiser fazer.”*

O excerto da entrevista apresentado permite inferir que o envolvimento dos sujeitos em eventos de letramento – situações sociais de comunicação mediadas pela presença do texto escrito – permite uma melhor organização no plano da oralidade e, conseqüentemente, maior segurança para envolver-se em variadas situações de interação na vida social cotidiana, ainda que esse sujeito não tenha conquistado um domínio pleno da tecnologia da escrita. Os dados apresentados na Tabela 1 reforçam tal interpretação ao evidenciarem o envolvimento em situações sociais das quais, anteriormente, os alfabetizando não participavam, ou participavam precariamente. A tabela apresenta as mudanças percebidas pelos alfabetizando em suas vidas após a participação no PTL, segundo a percepção desses sujeitos.

Tabela 01: Mudanças ocorridas após a participação dos alfabetizando no PTL

	Sim	Não	Total	
	%	%		%
Conseguiu fazer novos amigos	73%	27%	183	100%
Arranjou um trabalho	5%	95%	183	100%
Passou a participar de movimentos sociais	25%	75%	183	100%
Passou a participar de Conselhos Municipais	3%	97%	183	100%
Aprendeu a ler e escrever	63%	37%	183	100%
Consegue ajudar aos filhos nas tarefas	32%	68%	183	100%
Pode ler a Bíblia	45%	55%	183	100%
Hoje participa mais do sindicato	11%	89%	183	100%
Filiou-se a um partido	8%	92%	183	100%
Não quis participar mais de movimentos sociais	-	100%	183	100%
Não quis participar mais de Conselhos Municipais	-	100%	183	100%
Hoje participa ainda mais de movimentos sociais	23%	77%	183	100%
Hoje participa mais dos Conselhos Municipais	2%	98%	183	100%
Não ocorreu nenhuma mudança com o alfabetizando	2%	98%	183	100%
Outra mudança	2%	98%	183	100%

Fonte: IIEP, Avaliação do Projeto Todas as Letras ADS/CUT, 2008.
Informações coletadas junto aos alfabetizando.

As mudanças mais significativas apontadas pelos alfabetizandos como decorrência de sua participação no PTL foram: a possibilidade de fazer novos amigos, o aprendizado da leitura e da escrita, a leitura da Bíblia, a ajuda aos filhos nas tarefas escolares e a participação em movimentos sociais, nessa ordem. Isso indica que, juntamente com o desenvolvimento da habilidade de ler e escrever que, embora importante, precisa ser relativizada considerando o caráter de alfabetização inicial do Projeto, o PTL favoreceu uma inserção dos alfabetizandos em novas esferas da vida social. Tal inserção deu-se pelo envolvimento em práticas de alfabetização e letramento mediadas pelos diferentes atores do Projeto, razão pela qual torna-se importante compreender como esses atores percebem e refletem sobre as dimensões individuais e coletivas do letramento na vida dos alfabetizandos.

A questão da identidade: do aprendizado inicial da leitura e escrita ao exercício da cidadania

Nessa seção focalizaremos os depoimentos de alfabetizandos, alfabetizadores e coordenadores locais que ilustram a percepção desses atores com relação às dimensões individual e coletiva do processo de “alfabetizar letrando”. Tais depoimentos apontam uma recorrência de questões ligadas ao fortalecimento das identidades dos sujeitos alfabetizandos, à possibilidade de auxílio aos filhos e netos nas tarefas escolares, ao desejo de continuidade dos estudos. Além disso, destacamos como as práticas de leitura e escrita contribuíram para o fortalecimento das identidades individuais e coletivas dos educandos nos eixos articuladores do PTL: trabalho, cultura e desenvolvimento.

Para pessoas com relativo nível de letramento, imersas em práticas de leitura e escrita, aprender a escrever o próprio nome em letra cursiva, por exemplo, pode parecer algo pouco significativo. Contudo, para adultos analfabetos, que durante toda a vida tiveram sua condição de excluídos de uma sociedade letrada estampada em suas carteiras de identidade pelo uso da digital como forma de identificação, esse aprendizado da assinatura

constituiu-se como uma conquista portadora de sentidos e significados.

Saber escrever o próprio nome representa ascender a um nível de letramento que confere ao educando uma nova identidade. Não apenas em termos figurados, mas concretamente. Muitos adultos que frequentaram o PTL apontam o aprendizado da escrita do nome como o principal elemento de inserção no universo letrado. A troca do documento de Registro Geral (RG) anuncia a nova identidade de alfabetizado. Essa troca pode ser lida em seu sentido literal – adquirir um novo documento de identificação, agora com a assinatura e não a digital – e também como metáfora das repercussões do PTL na vida dos sujeitos: a construção de uma nova identidade, não mais a de analfabeto, excluído, mas a de cidadão, participe de uma sociedade na qual o acesso à leitura e à escrita é condição de exercício pleno da cidadania. Vejamos depoimentos de alguns participantes do projeto que ilustram essa assertiva:

Eles [os alfabetizandos] trocam de identidade, quando vão votar já assinam... (Alfabetizadora – Cidade de Belém – Amazonas).

O desenvolvimento cultural, com certeza, ao passo de cidadania que sempre nós desenvolvemos nos mutirões, justamente para aquele alfabetizando que está com o nome em sua carteira de “analfabeto”. É terrível para uma pessoa que não sabe ler estar com essa carteira ainda. Então, eu creio que foi muito importante. (Selma – Alfabetizadora – Cidade de Belém).

Eu aprendi a assinar o nome, que não conseguia. Quando a gente ia votar, aí num consegue assinar o nome, aí aquele pessoal fica olhando pra gente e a gente fica com vergonha. (José Gomes Duarte – Alfabetizando – Axixá).

Fiquei toda satisfeita de estar nessa idade, 73 anos, e não sabia assinar o meu nome, e agora eu já me sinto feliz de assinar o meu nome. (Entrevista com Alfabetizando – Cidade de Belém).

Assinar o nome, em situações variadas, possibilita ao educando ingressar e transitar em diversos espaços sociais com maior dignidade e satisfação, já que antes de ter essa habilidade eles sentiam-se excluídos, marcados pelo rótulo de analfabetos. Na fala dos alfabetizandos, o PTL é apresentado como

meio para a promoção das pessoas e também das comunidades das quais fazem parte, por diversas razões:

Gente que nem sabia escrever o nome, sai de lá sabendo fazer o nome, já lendo. Assim, eu não conseguia ler, tem gente lá que conseguiu sair sabendo ler. (Alfabetizando – Recife – Forró).

Não sei lê não. Ai... pouco .. devagarzinho. Ficava com vergonha. (...). Ai comecei estudar, estudar. Treinei mais meu nome, ai quando eu comecei novamente na firma perguntaram: você sabe assinar seu nome? Sei. Ai eu assino “rapidão”. Pra mim é bom demais. Tem muitas vezes que, assim, tem que assinar 12, 13 folhas. É bom que tá tudo assinado, meu nome já. Bom demais porque a gente tava na firma e não sabia assinar não, só o dedo. Ai, puxa, um rapaz tão novo desses não sabe assinar nem o nome... (...). Ai pra mim, mesmo que a gente num sabe lê correto, muito, mas escrever o nome da gente já é grandes coisas. Eu pretendo continuar mais e saber mais. (José Gomes Duarte – Alfabetizando – Axixá).

Os depoimentos revelam que as conquistas alcançadas pelos alfabetizados repercutem em novas formas de perceber-se como pessoa e cidadão, mas indicam também que a participação no PTL trouxe repercussões para as comunidades nas quais esses sujeitos estão inseridos, como discutiremos no tópico a seguir.

Dimensão coletiva do letramento: auxílio aos filhos e conquista de novos espaços

A análise dos questionários e entrevistas semiestruturadas e estruturadas, realizadas no âmbito da pesquisa de avaliação do PTL, indica que a aprendizagem da leitura e da escrita repercute em novas possibilidades dos alfabetizados mediarem processos de aprendizagem junto aos filhos e netos, dado especialmente relevante se considerarmos que pesquisas recentes apontam o nível de escolaridade dos pais, especialmente da mãe, como um dos fatores de maior impacto no rendimento dos alunos na escola.

(...) agora já sei meu nome todo e algumas palavras também, já posso dá uma ajuda pros menino que

chega com as tarefa da escola e esse material que veio de lá que mandaram pra todo mundo foi muito bom porque nós num tinha e tem vez que a gente num pode comprá e qué istudá. E foi bom por isso. (Entrevista com Alfabetizando – Axixá).

Que a pessoa aprende mais, eu aprendi mais lá, eu acho assim, eu poder ajudar meus filhos na tarefa da escola. (Maria da Glória – Alfabetizada – Núcleo Boi Bumba – Pernambuco).

Eles gostam muito de ajudar netos, porque normalmente os netos sabem mais do que eles. Quando eles começam a saber, ai é que eles ficam satisfeitos. Na verdade eram os netos que ajudavam eles, ai depois eles que ensinavam os netos. Foi essa a maior prova que eu percebi. (Deyse – Alfabetizadora – Cidade de Belém – Escola Amazonas).

Percebe-se, nas falas dos alfabetizadores e dos alfabetizados, que os impactos do PTL na vida dos educandos têm duplo vetor: a inserção dos sujeitos no aprendizado de práticas culturais de leitura e escrita e, por conseguinte, a contribuição para uma melhor inserção dos filhos e netos desses sujeitos em práticas letradas, uma vez que os alfabetizados tornam-se capazes de auxiliá-los nas tarefas escolares. Nos questionários, cujos resultados foram apresentados neste texto na Tabela 1, o item “consegue ajudar os filhos nas tarefas escolares” também foi destacado como uma importante conquista dos alfabetizados, como uma mudança ocorrida após a participação no PTL. Observa-se, naquela tabela, que em 15 itens relativos às mudanças ocorridas após a participação no Projeto, o auxílio aos filhos nas tarefas escolares aparece em 4º lugar nas escolhas dos alfabetizados. Além do auxílio aos filhos nas tarefas escolares, os alfabetizados relatam nas entrevistas outras dimensões sociais de transformações e mudanças nas suas condições de vida, de ingresso e trânsito em espaços nos quais não estavam inseridos, além da possibilidade de realização de tarefas bancárias, de filiação ao sindicato, participação em reuniões deste e do desejo de dar continuidade aos estudos. Os depoimentos da coordenadora Cacy, de Axixá, e de uma alfabetizadora da cidade de Belém evidenciam algumas dimensões dessas mudanças:

Eu percebo como um grande avanço, porque tem muitas comunidades que o pessoal não saía dali pra nada. Eles tinham medo de sair. Eles não iam

nem ao banco resolver problemas deles, mesmo de pagamento, da bolsa auxílio que eles recebem da bolsa família, e a maioria é aposentado também e tinha que ficar pedindo aos filhos pra ir. Hoje não. Hoje eles já vão, já resolvem as coisas deles. Eles já participam de reuniões, já se filiaram a sindicatos. Hoje a gente vê, assim, muito diferente do que era antes. (Cacy – Coordenador – Axixá).

Graças não só ao meu trabalho, mas pelo companheirismo que eu tive no projeto. E isso aí emociona bastante, que é ver o senhor Lucas, que está com 72 anos, e ele teve a oportunidade de ser alfabetizado, e quer continuar a estudar. (Roseane – Alfabetizadora – Cidade de Belém).

As dimensões destacadas pelas entrevistadas apontam para os três eixos estruturantes do PTL – cultura, trabalho e desenvolvimento –, sobre os quais discorreremos mais detalhadamente no tópico a seguir.

As dimensões sociais do letramento: cultura, trabalho e desenvolvimento

A proposta metodológica do Projeto Todas as Letras de alfabetização e letramento de jovens e adultos é desenvolvida com base em três eixos estruturantes: trabalho, cultura e desenvolvimento. Esses eixos foram escolhidos para que o processo de alfabetização possibilitasse uma reflexão dos alfabetizados sobre a constituição do ser social naquelas dimensões que estão intrinsecamente ligadas a esse processo de constituição. Portanto, os próprios eixos estruturantes do Projeto já apontam para a dimensão coletiva do letramento.

No eixo da cultura, um dos princípios do PTL, que se revela bastante internalizado, tanto por alfabetizadores quanto pelos coordenadores, é a importância de partir da realidade de vida e trabalho dos alfabetizados para a realização das atividades de alfabetização.

Porque é uma coisa que eles, assim... eu uso mais o que eles querem, o que eles acham que tem mais necessidade. Então eu estou fazendo mais a vontade deles, eles é quem decidem, estão escolhendo mais aquilo que querem. Quando eles chegam dizendo o que é que pra eles tem mais vantagem, é aquilo que a gente vai trabalhar. (Roseane – Alfabetizadora – Cidade de Belém).

Eu explicava o assunto que ia debater, e eles sempre questionavam. Perguntam, e depois que todos entendem, a gente faz e exercita o que a gente trabalhou em sala. A gente só trabalha voltado à realidade deles, não falamos de “uva”, mas sim de “mandioca”. (Deyse – Alfabetizadora – Cidade de Belém – Escola Amazonas).

Nas questões relativas ao trabalho, os alfabetizados, de modo especial, destacam a importância do PTL para uma inserção diferenciada nesse universo e a consequente geração de renda, por terem adquirido novos conhecimentos demandados por suas atividades profissionais e, especialmente, por terem uma nova percepção de si mesmos. Aprender a escrever e contar aparece como condição de afirmação da própria identidade e de reconhecimento de dignidade, possibilitando a inserção em práticas sociais, em especial aquelas necessárias ao trabalho, das quais, antes, estavam excluídos.

Eles tinham medo porque eles não sabiam ler nem escrever. Hoje não. Tem um aluno que ele era secretário lá da associação das quebradeiras de coco, e não era ele quem lavrava a ata, era o filho dele. E o menino de menor. Hoje não, hoje ele já faz esse trabalho. Ele é da 2ª etapa, lá no povoado, na fazenda. Hoje ele já faz esse trabalho. Antes de ele entrar no projeto ele não fazia esse trabalho, hoje ele já faz. Errada, letra feia, mas ele já faz. E isso, ele se sente assim muito orgulhoso com isso. (Deyse – Alfabetizadora – Cidade de Belém – Escola Amazonas).

A economia solidária. Isso que me deu o ânimo pra fazer os doces, salgados, sabe, de ir além. Eu queria expandir, mas eu não tinha a sabedoria de matemática, de estudo, saber ler direito... (Rosa – Alfabetizanda – Cidade de Belém).

Mudou pra melhor, sabe, eu já sabia cozinhar, fazer docinho, então eu procurei fazer um curso pra me especializar melhor, pra mim trabalhar, fazer salgado (...) eu quero expandir meu comércio. (Rosa – Alfabetizanda – Cidade de Belém).

Nós trabalhamos a parte de matemática com cálculos ligados ao dia a dia deles. Por exemplo, a dona Guiomar, como ela fez com dez reais para começar a vender o lanche dela; a dona Augusta, o quanto que ela gasta de alimentação. Assim, esses temas. (Selma – Alfabetizadora – Cidade de Belém).

No eixo do desenvolvimento, como já destacado ao longo deste texto, o acesso a práticas de leitura

e escrita, das quais, antes da entrada no PTL, os sujeitos encontravam-se alijados, contribuiu tanto para o desenvolvimento destes individualmente quanto para o desenvolvimento das comunidades. Ao falar da experiência de organização da panificadora³, em Axixá, uma Alfabetizanda faz referência e este fato:

O projeto me ajudou porque eu não sabia ler. Aí, quando eu comecei por esse projeto, eles me convidaram pra vir pra padaria. Aí eu vim. E aqui nós faz o pão, nós vende (...) E aí também, quando eu conheci o Projeto Todas as Letras, eu achei melhor porque aí eu fui estudar, eu fui saber das contas, como era que dividia aquele tanto do pão e até que a gente tinha que pesar o pão. E aí depois que eu continuei indo pra aula ficou melhor pra mim passar já a quantidade para as meninas, eu já sabê lê as receitas e passar para as meninas que não sabiam ler. Eu achei mais fácil.

A turma já tinha um processo, uma aprendizagem, e colocamos em prática. Porque nós tivemos a teoria e fomos pra prática com eles, com os educandos, eles aprenderam a valorizar a sua cultura, resgatando todo o desenvolvimento sustentável que eles tinham dentro da agricultura familiar. (Roseane – Alfabetizadora – Cidade de Belém).

Como é possível depreender dos depoimentos transcritos anteriormente, a inserção no PTL trouxe repercussões no âmbito dos eixos estruturantes do Projeto, tanto para a vida dos sujeitos que dele participaram, quanto para a vida das comunidades por ele atendidas. Essas repercussões revelam-se também nos próprios textos produzidos pelos alfabetizandos ao longo do Projeto, evidenciando que a vida desses sujeitos e de suas comunidades esteve presente na prática pedagógica dos alfabetizadores.

Cultura, trabalho e desenvolvimento nos textos dos alfabetizandos

Uma análise longitudinal de 356 textos produzidos por educandos do PTL revelou a presença significativa de textos sob a égide dos eixos cultura, trabalho e desenvolvimento. Isso revelou-se na escolha dos temas, que envolviam questões relativas ao trabalho e renda, cultura local e regional e ao de-

envolvimento sustentável. As práticas e vivências culturais eram descritas, prioritariamente, pelos tipos textuais relatos e narrativas e por textos da ordem do comunicar-se. Os temas mais abordados, no eixo cultura, foram: religião, discriminação, a vida do negro na sociedade, direitos humanos, culinária, violência (que também está imbricado no eixo desenvolvimento), relato autobiográfico, educação dos filhos, cartas pessoais, troca de carteira de identidade (consequência da aprendizagem da escrita do nome), participação em manifestações políticas e movimentos de reivindicação de direitos.

O eixo trabalho foi tratado pelos educandos, com maior frequência, por meio das tipologias argumentativas, descritivas e de relato. Os assuntos mais frequentes foram: discussão sobre leis trabalhistas, o mercado de trabalho, os direitos dos trabalhadores, a necessidade do homem de trabalhar, desemprego, a carteira de trabalho, economia solidária, melhorias das condições de trabalho.

No eixo desenvolvimento, os tipos mais frequentes foram os textos da ordem do expor, do argumentar e de exercícios escolares. Os temas mais tratados foram: desenvolvimento da terra, as estações do ano, as plantas medicinais, moradias rurais, gráficos de estabelecimentos comerciais das comunidades, importância do plantio dos alimentos, alimentos de origem mineral, vegetal e animal, organização da comunidade. Nas produções apareceram, ainda que com menos frequência, gêneros mais escolarizados, com transposição da cultura da escola regular para o PTL: exercícios de metalinguagem e textos de cartilhas. As produções dos alunos revelam que a metodologia usada no PTL, pelo menos nos casos investigados, priorizou práticas socioculturais de leitura e escrita, tendo como orientação os eixos cultura, trabalho e desenvolvimento. Essa ênfase possibilitou aos educandos não só o aprendizado do código da língua materna, mas também a ampliação das práticas de letramento.

³ A organização de uma panificadora em Axixá foi decorrência do envolvimento de um grupo de alfabetizandos do Projeto Todas as Letras em projeto de geração de trabalho e renda naquele município

Considerações finais

A experiência do PTL indica que o processo de “alfabetizar letrando”, embora constitua-se, ainda, num desafio metodológico a ser enfrentado pelos alfabetizadores e alfabetizandos, traz repercussões para o fortalecimento das identidades dos sujeitos individuais e também das comunidades às quais pertencem esses sujeitos. Tal fortalecimento dá-se pela inserção dos sujeitos em práticas sociais mediadas pela presença do texto escrito, tais como práticas religiosas, comerciais e políticas, das quais, anteriormente à sua inserção no Projeto, os sujeitos encontravam-se alijados ou participavam timidamente.

A participação nessas práticas efetiva-se não apenas nos usos que os alfabetizandos fazem da linguagem escrita, mas também pela apropriação, no plano da oralidade, de elementos dos diferentes gêneros textuais em circulação nos contextos sócio-históricos-culturais nos quais os alfabetizandos estão inseridos. Esse fato indica que, a despeito da relevância e importância do domínio da linguagem escrita pelos sujeitos como condição para que esses

exercitem de forma plena sua cidadania, não se pode atribuir uma supremacia da escrita em relação à oralidade. Há que se considerar, tanto no campo da pesquisa acadêmica quanto no âmbito das práticas pedagógicas, o papel da oralidade no fortalecimento das identidades individuais e coletivas dos sujeitos e a contribuição da ampliação do repertório de gêneros textuais para esse fortalecimento.

Finalmente cumpre destacar o papel dos eixos estruturantes do PTL – trabalho, cultura e desenvolvimento – em fortalecer, na metodologia do Projeto, a dimensão coletiva do letramento, ampliando a perspectiva dos ganhos que a condição de alfabetizado pode trazer para os sujeitos individuais e à dimensão do desenvolvimento comunitário. No âmbito do PTL, portanto, leitura e escrita são concebidas como bens culturais. A socialização desses bens culturais no processo de alfabetização e letramento de jovens e adultos implica em benefícios para uma coletividade, o que aponta a importância de políticas públicas que invistam, de forma efetiva e permanente na educação de jovens e adultos como condição para o efetivo exercício da cidadania por esses sujeitos.

REFERÊNCIAS

- ALBURQUEQUE, Eliana Borges Correia; LEAL, Telma Ferraz. **Alfabetização de jovens e adultos numa perspectiva de letramento**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In: SIGNORINI, Inês (org.) **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas, SP: Mercado das Letras. 2001, p.23-50.
- PINCANO, Antônia Barbosa; BÁRBARA, Maristela Miranda. **Caderno de Apoio Pedagógico - Projeto Todas as Letras**. São Paulo: Agência de Desenvolvimento Solidário, 2007.
- ROJO, Roxane. Letramento escolar, oralidade e escrita em sala de aula: diferentes modalidades ou gêneros do discurso? In: SIGNORINI, Inês (org.) **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas, SP: Mercado das Letras. 2001, p.51-76.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- TFOUNI, Leda Verdiani. A dispersão e a deriva na constituição da autoria e suas implicações para uma teoria do letramento. In: SIGNORINI, Inês (org.) **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas, SP: Mercado das Letras. 2001, p.77-96.

*Recebido em 30.04.09
Aprovado em 24.06.10*